

Ética Vocacional do Protestantismo Ascético: um estudo do Capitalismo Moderno na perspectiva do método compreensivo - Weberiano, de Maria Teresa Canesin Guimarães.

Na seção de Resenha, é apresentada a do livro: A produção de noções na criança - organizado por H. SINCLAIR e traduzido por Maria Lúcia F.Moro - elaborada por Vera Maria de Moura Almeida.

Por fim, são apresentados resumos de teses e dissertações defendidas nos anos de 1990 - 1991 por professores da Faculdade de Educação/UFG, em outras instituições, e os resumos das dissertações defendidas no Mestrado em Educação Escolar Brasileira, da FE/UFG, no mesmo período.

"ESTUDO DE CASO", NO FALSO CONFLITO ENTRE "PESQUISA QUALITATIVA" E "PESQUISA QUANTITATIVA".

Maria Laura P. Barbosa Franco¹

Trata-se de uma discussão acerca do "Estudo de caso" que pretende contribuir com a compreensão dessa modalidade de pesquisa no contexto da dicotomia: "qualitativa?"... "quantitativa?"...

O texto levanta algumas das principais questões da problemática em pauta; analisa elementos controversos; aponta respostas que são buscadas hoje entre os pesquisadores; e encaminha para a necessidade de reflexão e aprofundamento acerca das decisões metodológicas.

Na área da pesquisa psicossocial e educacional tem aumentado o interesse pela realização de "estudos de caso".

Apesar do incremento dessa modalidade metodológica, permanecem ainda muitas dúvidas, indefinições e obscurantismo teórico em relação aos estudos de caso, enquanto procedimento para análise de situações sociais, econômicas e educacionais.

Como assinala Marli E. D. A. André (1984),

"a própria conceituação de estudo de caso, nas características distintivas e a forma de desenvolver tal tipo de trabalho são aspectos que parecem não ter sido ainda suficientemente

discutidos entre os educadores, o que tem originado uma série de incompreensões e mistificações sobre o seu potencial efetivo na educação". (p. 51)

Em geral, os estudos de caso são superficialmente concebidos como pesquisas realizadas junto a pequenos grupos, ou a um número reduzido de escolas, onde se enfatiza a análise qualitativa dos dados. Assim compreendido, o estudo de caso passa a ser visto como uma modalidade de pesquisa que se contrapõe aos métodos mais tradicionais, cujos pressupostos norteiam a realização de estudos amostrais, probabilísticos, com variáveis pré-estabelecidas e com ênfase na quantificação dos resultados.

Essa apreensão insuficiente e dicotômica tem contribuído para difundir um conceito de estudo de caso desprovido de profundidade e, como diz Hermengarda Ludke, "tem levado alguns membros da comunidade acadêmica, tanto professores como estudantes de pós-graduação, a encarar, um pouco ingenuamente, o estudo de caso como um método mais fácil de fazer pesquisa" (p. 16). Além disso, tem gerado colocações inadequadas e radicalismos, quando se discute pesquisa educacional nos limites do falso conflito entre análises qualitativas versus análises quantitativas.

Estando o estudo de caso associado aos enfoques metodológicos que priorizam os aspectos qualitativos dentro de uma concepção teórica onde o conhecimento é também ação, presta-se, facilmente, à produção de equívocos em torno de suas características definidoras.

Um dos equívocos está relacionado ao radicalismo qualitativo, compartilhado por alguns pesquisadores ao considerarem que qualquer preocupação de ordem quantitativa, nos estudos de caso, estaria violando a natureza epistemológica dessa modalidade de investigação. Este equívoco, que tem sua origem numa discussão metodológica mais ampla, é um problema mal colocado na medida em que pressupõe oposições estanques entre análises qualitativas e quantitativas.

Sem dúvida, "no estudo da metodologia das ciências sociais, podemos distinguir uma pluralidade de enfoques que dão privilégio quer aos aspectos qualitativos quer aos quantitativos" (Thiollet, 1984).

Todavia, acreditamos que uma articulação entre esses aspectos, bem como o relacionamento de ambos com outras dimensões de análise (dimensão histórica, macro-estrutural, etc.), parece ser a solução mais satisfatória.

Reiterando, diríamos que a concepção crítica da pesquisa social é do tipo predominantemente qualitativo. No entanto, concordamos com Michel

Thiollet quando afirma que "se associarmos à idéia de crítica, uma função de elucidação de denúncia ou de outros tipos de contribuição do debate público..., podemos considerar que os números também podem exercer uma função crítica" (p. 48).

O que há de questionável, nas concepções radicalmente quantitativas, não são os números, mas, sim, seus pressupostos teóricos e limitações decorrentes: artificialidade criada pelo experimentalismo; fragmentação da realidade engendrada nas pesquisas correlacionais e na formulação de hipóteses do tipo "causa-efeito", nas quais algumas variáveis são controladas e/ou manipuladas para pretensamente explicar os problemas analisados; validação das conclusões subordinadas ao consenso; caráter a-histórico dos dados, que, assim, se desvinculam das significações que emergem das situações da vida real, etc.

Em outras palavras, diríamos que não podemos confundir a necessidade de recorrer ao empírico e à quantificação, para melhor conhecer a realidade, com o "empiricismo" acrítico. O radicalismo qualitativo é igualmente perigoso, na medida em que coloca em plano secundário a indispensável sistematização a ser respeitada na realização de pesquisas, o que pode gerar distorções relacionadas às generalizações estabelecidas nas conclusões a partir de resultados que nem sempre suportam as inferências elaboradas.

Portanto, a discussão metodológica não se restringe à opção entre análise quantitativa ou qualitativa. Mesmo porque, conforme discutido anteriormente, a quantificação dos dados não constitui ela mesma como um procedimento acrítico.

Especialmente nas pesquisas descritivas, os números cumprem importante função para fortalecer argumentos, para demonstrar tendências predominantes, para destacar as divergências e as proporções existentes entre as desigualdades sociais. "Independente de uma estrita precisão, nunca alcançável, é interessante sabermos numa pesquisa se estamos falando de 8 ou de 80" (Thiollet, 1984).

Na medida em que existem nítidas diferenças entre pesquisas descritivas e estudos de caso, nos quais nem sempre os números desempenham igual importância, parece-nos relevante indagar: o que realmente caracteriza um estudo de caso? Que contribuições específicas podem estar associadas ao conhecimento gerado no interior dessa modalidade de investigação educacional?

Os estudos de caso pretendem retratar o idiossincrático e o particular como ponto de partida para uma análise que busque o estabelecimento de relações sociais mais amplas de um determinado objeto de estudo. Têm como base o desenvolvimento de um conhecimento que se inicia pela compreensão dos eventos particulares (casos). O "caso", que pode ser uma instituição, uma escola, um currículo, um evento, um grupo, uma pessoa, se constitui, pois, em uma instância deflagradora do estudo de mediações que concentram a possibilidade de explicar a realidade concreta.

Qualquer que seja a instância escolhida (o caso) deve ser focalizado como um todo e de forma completa e profunda, para que os pormenores, as circunstâncias específicas e a multiplicidade de dimensões, presentes em uma dada situação, possam favorecer a apreensão desse todo.

No estudo de caso, o pesquisador não parte de esquemas rígidos e concebidos a priori. Embora inicie seu trabalho a partir de alguns pressupostos teóricos (já incorporados), durante a realização do mesmo deve estar atento para as novas categorias que emergem na interação concreta que se estabelece entre o investigador e a instância estudada. Nesse processo, devem ser recuperados os aspectos contraditórios e as diferentes perspectivas, muitas vezes conflitantes, presentes em determinada situação. No entanto, isso nem sempre é possível quando se utiliza apenas uma única fonte de informação.

Daf, a necessidade de utilização de fontes de informação diversificadas: dados secundários, documentos, professores, diretores, alunos, etc.

Diferentes interpretações que diferentes indivíduos ou grupos desenvolvem acerca de uma mesma situação é que permite recuperar a dinâmica da situação estudada. Dinâmica que se expressa no processo vivenciado pelos indivíduos envolvidos e no relato das representações e interpretações dos informantes. Representações e interpretações que, por sua vez, serão reinterpretadas e reelaboradas pelo pesquisador e, posteriormente, pelo leitor.

"E ao fazer associações e dissociações, o leitor vai construindo as suas próprias interpretações, vai desenvolvendo o seu processo de compreensão das coisas, da realidade, do mundo". (André, 1984)

Tendo em vista essas características, poder-se-ia indagar: como se coloca o problema da representatividade do estudo de caso? Para respondê-la é necessário discuti-la em dois níveis de análise.

Num primeiro nível, é preciso considerar que a generalização aqui é tratada como um processo de interação subjetiva, que passa a ter significado

em nível do indivíduo quando o mesmo reconhece semelhanças, diferenças ou aspectos típicos e na medida em que o sujeito percebe a equivalência (ou não) desse caso particular com outros casos ou situações por ele vivenciados. O estudo de caso supõe que o sujeito vá usar esse conhecimento para fazer as generalizações e para desenvolver novas idéias, novos significados, novas compreensões.

Por outro lado, do ponto de vista da produção dos dados, o estudo de caso enfatiza a "interpretação em contexto". E aqui nos apoiamos em Florestan Fernandes e José de Souza Martins, que convergem na defesa das possibilidades de generalização dos resultados do estudo de caso, mediante o desvendamento das mediações que estruturam a totalidade concreta. Florestan Fernandes trata mais explicitamente do desvelamento do concreto que, em si, é o próprio processo de generalização:

"No entanto, depois de obter-se a coligação de evidências empíricas e proceder-se à reconstrução da realidade, é possível aprofundar a observação dos fenômenos em causa e submeter as referidas evidências a tratamentos analíticos mais complexos, estendendo a explicação sociológica a condições, processos e efeitos da interação social que não são imediatamente visíveis ao observador". (Fernandes, 1976).

Essa preocupação metodológica, vista no âmbito de uma categoria explicativa que extrapola os limites da descrição empírica, vem ao encontro da realização de pesquisas engajadas numa abordagem de estudo que, incorporando subsídios históricos, permite a recuperação do específico e a interpretação orgânica dos dados coletados.

RÉSUMÉ

Il s'agit d'une contribution dans le cadre de la recherche qualitative/quantitative par l'Étude de cas. On pose des questions, on fait l'analyse d'éléments controversés, on propose des réponses et on conduit à une réflexion et à un approfondissement des décisions méthodologiques.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRÉ, M.E.D.A. "Estudo de Caso: seu potencial na Educação". *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 49, p. 51-54, 1984.

FERNANDES, F. *A Sociologia numa era de Revolução Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

THIOLLENT, M. Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 49, 1984.

O CONHECIMENTO MATEMÁTICO E A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Zaira da Cunha Melo Varizo¹

A autora mostra, de forma sucinta, o surgimento da matemática como disciplina obrigatória na escola fundamental, diante das relações cada vez mais estreitas entre o conhecimento matemático e as transformações sociais, e o consequente desenvolvimento do conhecimento relativo à Educação Matemática. Vincula à definição da Educação Matemática a concepção do processo de conhecimento, relacionando-o com a prática de ensino.

Na atualidade, a compreensão da importância do papel do conhecimento matemático no desenvolvimento dos povos é aceita de forma tão consensual, por homens de ciência ou não, que nos leva a acreditar que a Matemática sempre esteve presente na escola como uma das disciplinas mais importantes.

Entretanto, nem sempre foi assim. Pode-se dizer que foi no século XVI, quando os laços entre a ciência e a sociedade começam a estreitar-se, que o longo processo de aprofundamento do papel da matemática na vida do homem vai se ampliando. Fomentada por grandes mudanças no

¹Professora Titular da Faculdade de Educação da UFG.